

6 Conclusão



Figura 238 - Denise no córrego
(Foto de Toquinha)

Este trabalho narrou um percurso provocado por um apelo de memória. A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários é a materialização da escuta a esse apelo. “O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção”, nos diz Walter Benjamin (1994), na tese II sobre o conceito de história. A pesquisadora se implicou na tarefa assumida por Toquinha de se abrir no presente, ao apelo do passado. A pesquisa-intervenção se constituiu na ação diante da escuta deste apelo enunciado por Toquinha.

A estratégia teórico-metodológica que norteou a pesquisa se fundamentou num processo de “arqueologia da memória” (Seligmann-Silva, 2003), no qual - por meio de escavações -, abri-me para a escuta de uma das tantas possibilidades de Minas existir. Pois, como nos lembra João Guimarães Rosa (2001a),

Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas. (...) De que jeito dizê-la? Minas: patriazinha. Minas – a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas – a gente não sabe. (...) Saberei que é muito Brasil, em ponto de dentro, Brasil conteúdo, a raiz do assunto. Soubesse-a, mais (p.338-339).

O caminho escolhido ao redigir esta tese foi pela escritura de um mosaico em que autores, moradores e parceiros navegam juntos com Toquinha por “um rio

de memória”. Analisando este rio/córrego numa perspectiva alegórica, vislumbram-se sentidos no que dizia Rosa (2001b) em “Grande Sertão veredas”: “O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo” (p.450).

Pensar a relação entre memória e profundidade (Arendt, 2003) nos leva a contemplar uma dimensão essencial de nossa humanidade. Uma das faces da barbárie se reflete na circulação de uma visão de homem calcada no mercado, em que predomina o sujeito do consumo, descartável e esquecido de si. Esse rio de memória que “quer chegar a ser mais grosso” nos implica com a dimensão ética e profunda da existência humana e nos indica a tarefa de construirmos uma subjetividade que acolha raízes e deslocamentos atravessada pela experiência no sentido benjaminiano. A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários se ergueu do compromisso coletivo com essa tarefa.

Em cada época, nos diz ainda Benjamin (1994) na tese VI, “é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela” (p.234), por isso a alegoria de Janus Bifronte se fez presente em todo o trajeto. Afinal, no apelo que o passado nos dirige, está contida a “centelha de esperança”, e ao despertá-la no aqui e agora, podemos encaminhar outros futuros,

Inspirados por Rosa, Janus bifronte e Benjamin, seguimos um percurso não linear onde recusamos a idéia de uma história acabada, de um destino pré-definido. As escavações baseadas na concepção de história de Walter Benjamin se aliaram ainda ao pensamento de Maurice Halbwachs para quem também o processo de recriação da memória se dá a partir da construção do presente. Assim, ao longo desta arqueologia, surgiram “os contos” – narrativas de palavras produzidas pelos moradores e as “imagens” – narrativas do olhar de vários “fotógrafos anônimos” (Kossoy, 2007, p.66) que nos levaram à montagem de um mosaico de memórias apresentadas não só nos painéis e estandartes da Casa de Memória e Cultura como também nesta tese. Com esse mosaico, buscamos alargar as margens do Córrego, torná-lo “mais grosso, mais fundo” (Rosa, 2001b).

Depois da inauguração, mergulhei profundamente na escrita deste texto e não voltei mais a Minas. Por meio de Edervanio e Toquinho, que me ajudaram colhendo depoimentos de moradores, entrei em contato com os sentimentos e percepções que a Casa de Memória e Cultura inaugurada, provocou. Muitos deles foram apresentados no item 5.9.4.

Trago nestas considerações finais duas falas que me tocaram especialmente e me fizeram pensar. O primeiro depoimento foi colhido por Toquinha numa prosa com Antonio e José Inácio:

Antônio Inácio: *Interessante, que aquela festa tava tão boa, tava tão seco, não chovia nem nada e no momento da festa choveu pra nós. Foi bom!*

Toquinha: *E o senhor chegou a ver lá dentro da casa?*

José Inácio: *Eu ainda não conheço direito. Porque eu já tive muita oportunidade, mas eu já mais véio, eu falei assim: eu não vou lá não, aquele lugar lá é dos novo. E num vou. Eu tô tampando o lugar d'um novo lá. Deixa eles pra lá, eu fico pra cá. Fiquei só na missa, lá da banda de fora, assisti a missa e fui embora.*

Toquinha: *Ah, mas o senhor vai lá, todo mundo tem direito. Os velhos, os novos. Vai lá pro senhor ver as fotos dos mais velhos...*

José Inácio: *Eu não tenho foto lá não, né. Se tiver eu tô de chapéu. Tem que ser de chapéu, porque o chapéu eu não esqueço dele de jeito nenhum.*

Toquinha: *A casa do senhor tá. A casa velha tá.*

José Inácio: *É mesmo?*



Figura 239 - José Inácio

A foto de José Inácio com chapéu faz parte do estandarte “Lembranças de Tapera”. A surpresa em fazer parte da Casa de Memória e Cultura revela o receio de não estar incluído e talvez este receio explique a resistência em entrar lá. Mas existem também outras razões que impedem o circular de alguns moradores naquele espaço. Fiquei surpresa ao saber que Zito até hoje não visitou a casa. Pelo relato de Toquinha, entendi que ele precisa de um outro que o “ajude a olhar” (Galeano, 1995, p.15). Prometeu ir lá quando Toquinha regressar da próxima vez. Fico pensando que não é suficiente ele estar presente em mais de um estandarte para que consiga entrar. Afinal, o acervo reverencia também Maria Hilda das

Dores, a Dedé. E talvez para Zito ainda seja doloroso demais ver os “contos e imagens” de sua mulher.

Outro relato pós-inauguração retoma o tema da oficina de fotografia de 2003, quando fotografei Zito escolhendo seu amigo, já bastante doente, como uma das relíquias do Córrego – Imagem que revela uma “estética da delicadeza”:



Figura 240 - Zito fotografando José Santiago

“É o pensamento subsistente do grupo que evoca a aproximação passada, e que salva do esquecimento a imagem da pessoa” nos diz Halbwachs (2004, p.128). José Santiago faleceu em novembro de 2007. Dois dias depois da inauguração, Toquinho ainda estava em Minas quando João (32 anos), filho de José, pediu para ela acompanhá-lo na Casa de Memória e Cultura para que ele visse a foto do pai. Ficamos então sabendo que aquela era não só a última imagem de José Santiago, como também a única.

***Toquinho:** Emocionado, ele olhara a fotografia e me contara que a única foto que tinha do pai era a lembrancinha de falecimento e que distribuía todas as lembrancinhas que fizera entre os familiares e amigos, esquecendo de guardar uma para si.*

Depois disso, mandei uma cópia dessa foto para Toquinho entregar a João numa de suas viagens em 2009. Diante da fala de Toquinho, percebo emocionada que o trabalho de imagem, narrativa, memória e delicadeza continua:

Toquinha: *Falei para o João da foto que você tinha mandado e ele ficou muito emocionado. Perguntei o que ele sentiu quando viu a foto na Casa de Memória, e ele disse: “Emoção, muita emoção.” E juntos recordamos um pouco a vida do pai dele e a amizade do pai dele com meu pai. João falava do pai com saudade emocionada. João a certa altura me disse que já havia pensado se a família do Joversino não devolveria a lembrancinha da morte de seu pai que ele tinha guardado, já que Joversino havia falecido e talvez sua família não desse tanta importância àquela recordação de seu pai. Eu nem sabia o que dizer, era tão pouco o que ele desejava... Foi então que pensei que se existe a lembrança de falecimento do pai dele eu poderia escaneá-la e fazer várias cópias para ele e para mais quem quisesse. Ele ficou muito animado com a idéia e na mesma hora chamou a irmã e pediu que ela me emprestasse a lembrancinha, e explicou o motivo. E sua irmã Ilma ficou de me entregar, mas no dia seguinte me disse, muito consternada, que não a encontrou em seus guardados. Fica mais uma missão para a próxima viagem. Reconstruir histórias, emoções, imagens perdidas, a lembrança fotografada de José de Souza Santiago.*

Conceber a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários como “janela, porta, ponte entre diferentes tempos, pessoas e grupos” (Chagas, 2006, p.5) foi nosso objetivo.

Além da exposição principal e permanente, nossa intenção foi criar um espaço para que novas produções e “projetos” acontecessem. Vejo agora um novo ciclo começando, e Toquinha está consciente de seu papel de responsabilidade e liderança nos desdobramentos e ações que possam fazer desta Casa dos Januários, um espaço vivo e dinâmico. Como disse Dorvalina,

A Casa de Cultura do Córrego dos Januários é para dar à comunidade uma oportunidade de encontros. Vejo essa casa mudando o rumo da nossa juventude. Precisamos trabalhar muito para dar continuidade ao projeto, para que os objetivos sejam alcançados. Trazer os mais velhos para encontros alegres e as crianças para encontros educativos. Precisamos divulgar esse projeto, organizar o atendimento da casa. Muita coisa precisa ser feita, o processo só está começando.

São muitos os projetos possíveis. As oficinas de fotografia podem seguir adiante; as caminhadas com câmeras manteriam o exercício da “grafia do olhar” em curso. Os jovens e as crianças já estão desenvolvendo um trabalho com Toquinha em torno da formação do leitor no Clubinho de Leitura:

Toquinha: *A palavra abriu para mim as portas do mundo, de muitos mundos. E às crianças do Clubinho de Leitura eu sonho dar a conhecer estes mundos e ajudá-los a inventar mundos outros.*

Um dos eventos planejados em parceria com professores da rede pública e a atual secretária de educação envolve, para o segundo semestre de 2009, a visita das escolas da cidade e das outras roças à Casa de Memória e Cultura do Córrego.

As “mulheres rendeiras” também têm planos de prosseguir nos projetos de criação e beleza que suas habilidades manuais possibilitam, trazendo reais perspectivas de ganhos materiais para a comunidade.

O projeto “Carta para-ti” precisa continuar. Pretendo colaborar para que novos deslocamentos dos Januários e de suas histórias aconteçam...

Em nossa trama de memória, arquivos e lembranças da pesquisadora também emergiram. Ao escavar a memória do Córrego dos Januários, percebi que não há memória isolada e que ao operar um corte naquele solo, uma rede muito mais ampla e cheia de significados emergiu (Augras, 1995).

Ao tocarmos num solo de memória, por menor que seja o canto de terra desse solo, ali vão brotar cacos de memórias que atravessam e iluminam rastros e restos de um solo bem maior. Por isso, a trilha em busca da nascente do córrego também pode ser percorrida como um dos projetos da Casa de Memória e Cultura. Edervanio, Daniel Arcanjo e o historiador Aloysius estão sensíveis às camadas subterrâneas desse solo, onde talvez habitem índios puris e “mães pretas”. Eles podem compor um núcleo de pesquisa para adentrar neste terreno delicado e importante da memória coletiva.

Nossa metodologia de pesquisa de campo incorporou o “coleccionador” (Benjamin 1995) e o “narrador sucateiro” (Gagnebin, 2004). Nos restos escavados os sonhos também entraram em cena – o que nos faz pensar, ainda de forma muito inicial, na importância de levarmos em conta a construção de uma metodologia onírica no campo das pesquisas que transitam no terreno da subjetividade.

Para falar de memória, eixo principal deste trabalho, o labirinto se colocou para nós como uma questão teórico-metodológica na produção de conhecimento. Por isso, uma apresentação mais sistemática dos autores e conceitos deu lugar em alguns momentos a um texto entranhado de imagens labirínticas, na tentativa de explicitar aqui nosso esforço na produção de um conhecimento que se aproxime da vida na qual não só esbarramos com cacos e restos de um passado do Córrego, mas que também nos remete a um outro “Rio de Janus”.

Uma cidade é construída por seus habitantes ao longo do tempo, e recriar essa história é trabalhar com as marcas do tempo que ainda estão presentes na

cidade (Santos, 2007). Transitar por uma cidade significa caminhar sob camadas de memória onde essa mesma cidade se funda. Essas camadas subterrâneas são como “cidades invisíveis” (Calvino, 1990) para o olhar apressado, indiferente, capturado pelo hábito mas não regido pela atenção, pois

Toda atenção deve desembocar no hábito se não pretende dismantelar o homem; todo hábito deve ser estorvado pela atenção se não pretende paralisar o homem (Benjamin, 1995, p.247).

Este olhar atento e em desvio me levou no final de 2005, ao Morro do Castelo, berço da fundação da cidade do Rio de Janeiro e à história de seu desmonte em 1922, como narrado no segundo capítulo. Nos dois anos seguintes, pesquisei um pouco sobre o assunto principalmente no belo livro “Era uma vez o Morro do Castelo”⁶¹. No entanto, absorvida com todo o trabalho do projeto de memória itinerante e com a preparação da Casa de Memória e Cultura, o assunto aos poucos foi sendo esquecido. Por um longo período também não vi o escultor de areia Renato, e o tema parecia estar soterrado.

Mas estava enganada. A notícia da exposição “Família Ferrez: novas revelações” com fotos de Marc Ferrez do desmonte do Morro do Castelo me levaria novamente pelo labirinto em abril de 2008.

No dia planejado para ver a exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, aproveitando que o fotógrafo paulista José Américo Lopes estava no Rio, fomos dar uma caminhada pela praia de Ipanema antes de seguir para o Centro. Fiquei surpresa ao avistar os castelos de Renato e logo nos aproximamos. O escultor de areias nos contou então que passou um longo tempo viajando e trabalhando pela Bahia, e José Américo fez um registro do belo castelo de areia com a minha câmera fotográfica. Saímos dali e percebi que as “portas abertas”, marca do trabalho de Renato, não haviam passado despercebidas aos olhos do fotógrafo paulista. Enquanto conversávamos sobre o castelo e as portas, eu não podia deixar de pensar na enorme sincronia daquele momento. Afinal, estávamos indo ver a exposição que tinha como título de uma de suas salas “O Castelo que a água levou”. Mais uma vez, o castelo de areia e o Morro do Castelo se apresentavam simultaneamente, como se entre eles houvesse uma “passagem”.

⁶¹ NONATO, José Antonio, SANTOS, Nubia Melhem (Org.). Era uma vez o Morro do Castelo. Rio de Janeiro; IPHAN, 2000.

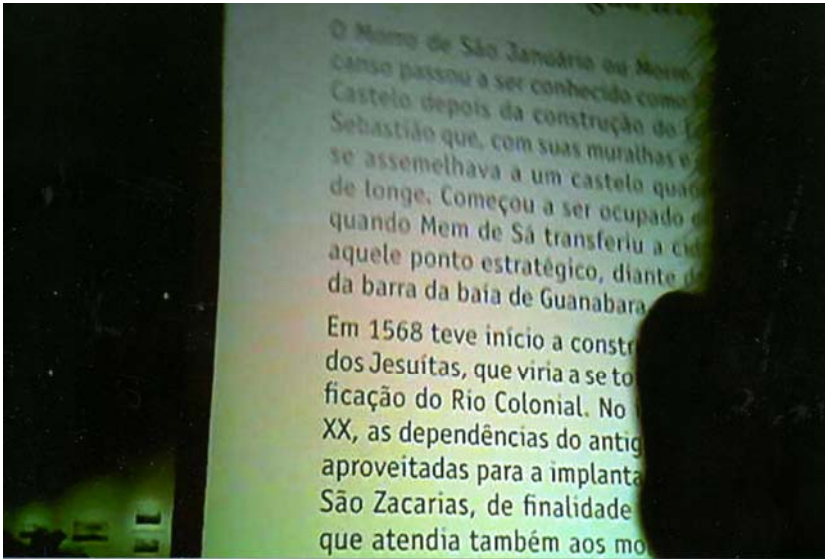


Figura 241 - José Américo lendo um dos painéis da exposição no CCBB

Um mês depois, viajei para São Paulo e fui à Santos, onde percebi que havia um terceiro elemento que também emergia daquele caminhar em labirinto: o Outeiro de Santa Catarina e sua forma acastelada que abriga a Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Visitei o outeiro e levei minha câmera. Fui muito bem recebida pela equipe da fundação, todos satisfeitos de receber uma pesquisadora carioca por ali. Na saída me deram de presente um postal, e é claro que pedi e eles que fizessem uma cartinha para os Januários:

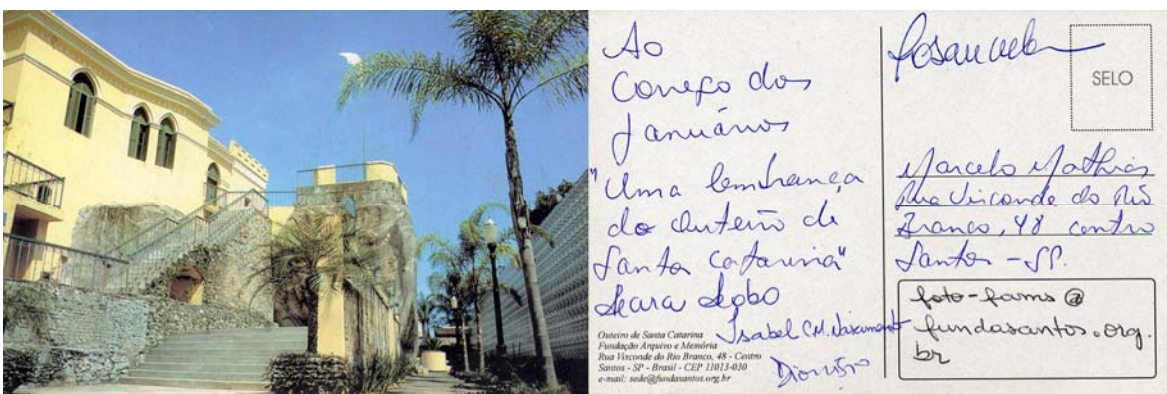


Figura 242 - Postal do Outeiro de Santa Catarina

Ao Córrego dos Januários,
 “Uma lembrança do Outeiro de Santa Catarina”.
 Lara Lobo, Isabel Nascimento, Dionísio, Rosângela
 Marcelo Mathias, Rua Visconde do Rio Branco, 48 – Centro, Santos – SP

Fiz uma série grande de fotos do outeiro, mas quando voltei para o Rio me surpreendi diante da revelação da seqüência das fotos. Não me lembrava o que tinha fotografado no início do filme (na minha câmera, a primeira foto é a 36), e só então me dei conta que a última imagem registrada pelo José Américo foi a do castelo de areia.



Figura 243 - Sequência do negativo de abril e maio de 2008

A seqüência do negativo revelava mais uma vez a sincronia que se apresentara no final de 2005. De algum modo, era como se houvesse uma passagem subterrânea entre o castelo de areia, o Morro do Castelo e o Outeiro de Santa Catarina. Havia ali uma lógica outra que desafiava meu pensamento.

Em primeiro de março deste ano, dia do aniversário da cidade do Rio de Janeiro, uma reportagem do jornal *O Globo* sobre a Ladeira da Misericórdia, único rastro visível do Morro do Castelo após o desmonte, me chamou a atenção.



Figura 244 - Matéria do jornal *O Globo* em 1 março de 2009.

Essa reportagem me fez enxergar com maior clareza uma possível ligação entre o outeiro e o Morro do Castelo. O Outeiro de Santa Catarina é o marco da fundação de Santos, assim como a Ladeira da Misericórdia está localizada no berço do Rio de Janeiro.



Figura 245 - Ladeira da Misericórdia
(Fotos de José Américo Lopes)

No entanto, ao contrário do que aconteceu em Santos, o que impera na Ladeira da Misericórdia é o esquecimento e o abandono. Mas e o castelo de areia? Que lugar tem nesta lógica não usual? Vejo nos castelos de Renato não só remanscências desse marco da cidade derrubado pela água como também um apelo que esse passado dirige a nós, cariocas. Um apelo que nos convida a pensar em outra forma de conceber o progresso, pois como disse Lima Barreto (2005)

“Não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam sua história” (p.117).

Estará aí ressoando pelas cidades “um apelo messiânico” desse berço do Rio que nos leve ao vislumbre de outros futuros para a cidade do Rio de Janeiro? Vejo nas portas abertas do castelo do escultor de areia um apelo de encontro, de diálogo, de comunhão entre as várias partes desse Rio de Janus. Tomando a idéia de Chagas (2006, p.5) “como ponte e porta entre diferentes tempos e grupos”, consigo imaginar uma Casa de Janus bem ali, no berço do Rio, se abrindo ao passado e encaminhando outros futuros possíveis que dependem de nossa ação aqui e agora. Pois é no entrecruzamento dos tempos que o desejo de mudança pode ser acolhido e enfim se materializar.

Do Córregos dos Januários ao Rio de Janeiro... Do rio novamente ao córrego...

Termino esta jornada, recordando-me das palavras de Toquinho que nos remetem ao início de toda essa história:

***Toquinho:** Eu nunca estive sozinha neste caminhar por entre as letras. Tive e tenho companheiros. Muitos amigos meus chegaram a mim seguindo o curso das palavras que eu escolhi para contar minhas histórias.*

Todo o percurso narrado neste texto aconteceu porque um dia “segui o curso das palavras que Toquinho escolheu para contar suas histórias”. Por isso, defendo esta tese principalmente como uma afirmação da celebração da expressão humana, das muitas vozes que emergiram da “necessidade de dizer”, pois

(...) Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada.⁶²

⁶² Galeano, 1995, p.23 – “Celebração da voz humana 2”.



Figura 246 - Toquinha e Denise